

2207

TERAPIA DE REPOSIÇÃO HORMONAL E CÂNCER DE MAMA

ERON DEL NEGRI; MATHEUS BECKER FREITAS; JÚLIA STÜKER DE ALMEIDA; ARTHUR BECKER SIMÕES; LUCAS QUADROS ANTONIAZZI; MIRELLI LEONARDI IAQUINTO
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução:

Com a popularização da terapia de reposição hormonal (TRH) para o tratamento dos sintomas do climatério, surgiram inúmeros estudos para avaliar os riscos e benefícios dessa terapia. No entanto, esses estudos mostraram resultados divergentes, de modo que uma análise das evidências disponíveis é necessária para determinar quais são, de fato, os riscos e benefícios desse tratamento.

Objetivos:

Objetivo primário:

Avaliar as evidências disponíveis na literatura acerca dos efeitos da TRH na incidência de câncer de mama.

Objetivos secundários:

Entender as definições e objetivos da TRH, vias de administração, dosagens, indicações e contra indicações; entender as recomendações feitas por guidelines nacionais e internacionais; analisa a associação da TRH com risco de doenças cardiovasculares.

Metodologia:

Fez-se uma revisão da literatura com os principais estudos sobre o assunto, a partir do Women's Health Initiative (iniciado na década de 90) até o mês de agosto de 2020.

Após a seleção dos estudos, foi feita uma análise de seu conteúdo acerca dos riscos e benefícios do uso da TRH, tipo de terapia utilizada, doses, tempo de tratamento e perfil das participantes do estudo.

Por fim, fez-se uma análise dos principais guidelines que regem esse tratamento no Brasil e nos EUA.

Resultados:

Objetivo da TRH: alívio dos sintomas vasomotores e outros sintomas do climatério;

Indicação: para síndrome genito-urinária –estrogênio vaginal em baixa dose e para sintomas vasomotores ou graves ou idade menor de 60 anos indica-se a TRH;

Os benefícios da TRH superam os riscos para a maioria das mulheres no climatério, com algumas exceções.

TRH não é indicado para a prevenção de doenças crônicas;

TRH esta associado com redução de risco de doenças coronarianas e mortalidade

Os tipos de estrogênio são igualmente eficazes, mas prefere-se o uso do 17-beta estradiol;

Via transdérmica é usada preferencialmente, mas o estradiol oral é seguro também;

Mulheres com útero e TRH: precisam de progestagênio para evitar hiperplasia endometrial. Sugere-se progesterona micronizada natural (parece não elevar o risco de CA de mama e doença coronariana).

Conclusão:

A literatura aponta para o fato de o risco de câncer de mama associado a TRH é pequeno;

Há mais falta de evidência em segurança do que de fato clara evidência de risco;

Cada paciente deve ser avaliado individualmente.

Deve-se dar preferência a utilização do 17-beta estradiol e progesterona micronizada.

2351

LESÃO INTRAEPITELIAL ESTRATIFICADA PRODUTORA DE MUCINA (SMILE – SIGLA EM INGLÊS) DO COLO DO ÚTERO: UM RELATO DE CASO.

RAMON MARTINS AYRES NETO; ALEXANDRA PONSO CAUDURO FERNANDES; RAQUEL BITTENCOURT; RAQUEL CAMARA RIVERO

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

A sobreposição morfológica entre a lesão intraepitelial cervical de alto grau (HSIL) e o adenocarcinoma in situ (AIS)/neoplasia intraepitelial glandular cervical de alto grau, resulta em uma lesão cervical pré-maligna incomum descrita como: lesão intraepitelial estratificada produtora de mucina (SMILE). Essas lesões mistas se originam de células-tronco multipotenciais ou de células de reserva, cuja infecção por HPV leva a esses fenômenos variados. Dada a recente descrição, oficialmente categorizada como uma variante do AIS em 2014, e sua literatura limitada, relatamos um caso de SMILE associado a HSIL, bem como suas características fenotípicas, lesões associadas e seu imunofenótipo. A presença do SMILE foi identificada em exame histológico na coloração de hematoxilina e eosina, caracterizada pela presença de estratificação do epitélio (semelhante às HSIL), no entanto, mais consistente com uma lesão glandular, apresentando mucina intracitoplasmática em todas as camadas, vistas como vacúolos e/ou clareamentos citoplasmático. Especificamente, glândulas distintas não são vistas no SMILE. Foram realizados estudo histoquímico nas colorações especiais (Mucicarmim e PAS com Alcian Blue) para avaliação da presença de mucina. Também foram realizados estudo com marcadores imuno-histoquímicos (IHC) para diferenciação escamosa (citoqueratinas e p63), p16 como um marcador para a regulação aberrante do ciclo celular, resultante da infecção oncogênica por papilomavírus humano (HPV) e avaliação do índice proliferativo (Ki67). Semelhante a outras formas de neoplasia intraepitelial, incluindo AIS do epitélio glandular endocervical, o SMILE mostra atipia nuclear, hiper Cromasia, mitoses e corpos apoptóticos. Está associado a lesão intraepitelial de alto grau (79%), AIS (39%), adenocarcinoma invasor (5%) e carcinoma de células escamosas (6%), podendo progredir para carcinoma invasivo. Em conclusão, a SMILE é uma rara e recém descrita variante do AIS, sendo necessários mais estudos para melhor compreensão do comportamento e estadiamento dessa lesão. Desta forma, o reconhecimento e o diagnóstico diferencial através do

patologista, torna-se importante, por se tratar de uma lesão percussora de malignidade, com altas taxas de associação com outras neoplasias intraepiteliais concomitantes. E os ginecologistas devem estar familiarizados com a lesão na busca do melhor manejo e estadiamento clínico para estas pacientes.

2368

VÍDEOS SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS PARA USUÁRIAS DE SERVIÇOS DE SAÚDE DO SUS E SUPLEMENTAR

MARIANA CELIBERTO MARCARENHAS; MARIANA ONGARATTO SCHERER; THAIS VICENTINE XAVIER; LUÍZA GUAZZELLI PEZZALI; ÉRIKA VIEIRA PANIZ; JAQUELINE NEVES LUBIANCA
HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução

O presente projeto pretende divulgar, através de vídeos, diferentes contraceptivos disponíveis no SUS e na Saúde Suplementar, reforçando sua taxa de eficácia, vantagens, desvantagens, efeitos adversos, riscos e benefícios, auxiliando as mulheres na tomada de decisão. Existe muita desinformação sobre os métodos contraceptivos disponíveis atualmente. Muitas vezes, as pacientes procuram informações sobre contracepção com amigas, familiares ou através de buscas na internet (Google, redes sociais, sites), recebendo dados incorretos ou inconsistentes, frequentemente carregados de tabus ou influências culturais. Tais fatos podem interferir na escolha do método contraceptivo. Assim, o projeto visa a criação de uma fonte de dados confiáveis, certificada por professores da UFRGS, informando a população através de uma maneira simples e de fácil acesso (vídeos que serão divulgados em redes sociais).

Objetivos

Informar adequadamente as mulheres em idade fértil sobre métodos contraceptivos atualmente disponíveis no SUS e na Saúde suplementar.

Métodos

Os vídeos foram desenvolvidos e editados através de ferramentas do PowerPoint e iMovie. O conteúdo dos vídeos foi baseado no livro "Introdução à Ginecologia e Obstetrícia", escrito por professores da UFRGS. A revisão dos vídeos foi feita pela pesquisadora e seus bolsistas, com correções para a obtenção de uma linguagem simples e de fácil compreensão para toda a população. Há ainda uma perspectiva futura de que os vídeos sejam inclusos no Aplicativo para Usuários do HCPA.

Resultados

Capas dos vídeos intitulados "DIU pós-parto" e "Implante Hormonal".

Conclusões

A divulgação dos métodos contraceptivos disponíveis no SUS e na Saúde Suplementar é extremamente relevante, principalmente se levarmos em consideração as elevadas taxas de gestação na adolescência, por exemplo, em uma população que sabidamente se alimenta dos canais de internet para a busca de informações. Essa ferramenta poderá auxiliar jovens na obtenção de uma contracepção segura.

2514

PAPEL DA ANGIOTENSINA II NA REGULAÇÃO DO SISTEMA PLASMINOGÊNIO-PLASMINA EM CÉLULAS ENDOMETRIAIS ESTROMAIS HUMANAS

MARIANA DA SILVA; PAMELA ZANON; MARINA NIADA; PAULA BARROS TERRACIANO; MARKUS BERGER
HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: A endometriose é caracterizada pela presença de glândulas e estroma endometrial fora da cavidade uterina. Por razões ainda não elucidadas, sabe-se que as células estromais endometriais (ESCs) podem adquirir um perfil pró-invasivo migrando para regiões extra-uterinas. As ESCs aumentam sua capacidade de proliferação e produção de proteases degradadoras de matriz extracelular, como ativadores de plasminogênio, plasmina e metaloproteinases que estão envolvidas na invasão e adesão celular do endométrio ectópico. A angiotensina II (Ang II) está envolvida no controle de proliferação e migração celular, no entanto seu papel na patogenia da endometriose ainda é desconhecido. **Objetivo:** Investigar a capacidade da Ang II em modular a atividade do sistema plasminogênio-plasmina em ESCs humanas. **Metodologia:** ESCs foram isoladas de biópsias endometriais, caracterizadas por citometria de fluxo e mantidas em condições padrão de cultivo até a sexta passagem. As células foram tratadas com diferentes concentrações de Ang II para a medida das atividades de plasmina, urokinase, ativadores de plasminogênio, metaloproteinases de matriz, estresse oxidativo e proliferação celular. **Resultados:** A Ang II foi capaz de induzir na superfície das ESCs um aumento da atividade de diferentes enzimas envolvidas no metabolismo e geração das angiotensinas. Houve também aumento de expressão do receptor de Ang II (AT1R) e de seu precursor, o angiotensinogênio. O tratamento por 24h com Ang II (0,1 – 1 uM) aumentou de maneira dose-dependente a atividade e expressão dos ativadores de plasminogênio do tipo urokinase e tecidual e de seus receptores de membrana. Quando cultivadas na presença de plasminogênio e tratadas com Ang II, as ESCs geraram plasmina ativa no meio de cultura, sendo capazes de degradar fibrina e outras proteínas de matriz extracelular. Além de modular a geração de peptidases degradadoras de matriz, a Ang II ainda estimulou a proliferação celular, o aumento na expressão de fatores de crescimento e a geração de superóxido nas ESCs. **Conclusão:** A Ang II aumentou a proliferação e a ação de ativadores de plasminogênio em ESCs, gerando plasmina ativa. Este evento relaciona-se à habilidade dessas células de degradar a matriz extracelular, o que pode contribuir para a aquisição de um perfil migratório pró-invasivo comumente descrito na endometriose.